



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

NAELSON LIMA FLORÊNCIO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE SOB A
INFLUÊNCIA DA MÚSICA EM JOVENS INTEGRANTES DA
BANDA DE REDENÇÃO**

**Redenção
2016**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

F654c Florêncio, Naelson Lima.

A construção da identidade adolescente sob a influência da música em jovens integrante da banda em Redenção. / Naelson Lima Florêncio. – Redenção, 2016.

33 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade.

Inclui figuras, quadros e referências.

1. Música. 2. Adolescentes. I. Título.

CDD 780

NAELSON LIMA FLORENCIO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE SOB A
INFLUÊNCIA DA MÚSICA EM JOVENS INTEGRANTES DA
BANDA DE REDENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de bacharel em Humanidades da Universidade
da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de
Andrade

**Fortaleza
2016**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE SOB A
INFLUÊNCIA DA MÚSICA EM JOVENS INTEGRANTES DA
BANDA DE REDENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de bacharel em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade
UNILAB

Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Souza
UNILAB

Prof. Dr. Leandro Proença Lopes
UNILAB

**Redenção
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha saudosa avó, Francisca de Góis Florêncio, "vó Fransquinha", que foi minha grande fortaleza e meu maior exemplo de superação e dedicação; a minha querida mãe, Joana D'arc, a quem eu amo muito; a minha amada esposa Jamile Florêncio, por estar sempre ao meu lado em todos os meus projetos; ao meu amado filho Daniel Florêncio, a quem dou minha vida se preciso for. Um ser tão pequeno mais que me traz felicidade e uma enorme paz; aos meus queridos irmãos, Jardelson, Felipe e Wilson Filho, seres do bem, a qual tenho a honra de ser irmão; ao meu Pai de coração, Wilson Oliveira, por ter me ensinado os primeiros passos para ser um homem de caráter e descente; ao meu maestro e amigo Edson Sousa Brito, que representa para mim um ser de alma nobre, um verdadeiro amigo; ao meu amigo Clécio, por ser um exemplo de amizade e lealdade; ao meu orientador Ramon Capelle, pela atenção que tem aos seus orientandos, e pela pessoa humilde, amiga e prestativa que representa para todos os seus alunos; aos meus colegas de BHU, João Castro, Sérgio, Fellipe Farias, que sempre estão do meu lado e compartilham experiências da vida; ao meu grande amigo Jorge Marcell, uma pessoa que tenho um grande apreço e uma enorme admiração; a toda família Florêncio, pessoas que fazem parte da minha história; a minha querida tia Maria Edilene de Lima Dias, uma mulher de fibra que sempre está pronta a ajudar; a minha querida tia Eronice Florêncio, a qual tenho muito carinho e admiração, ajudou-me bastante em fases difíceis da vida; a saudosa Maria José (Dona Mazé), minha sogra, a quem sou grato por tudo que fez por mim e pela minha família; ao meu sogro Raimundo Franco, uma pessoa de caráter íntegro, um exemplo de cidadão redencionista, pessoa que está sempre disposta a ajudar a todos; a todos professores da UNILAB, em especial os da Banca Examinadora (Luís Carlos e Leandro), que honram-me com a presença; a todos os entrevistados e colegas que se dispuseram a participar desse projeto que me propus a fazer; a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha história. Agradeço a todos e a todas que fazem parte da minha trajetória de vida

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral investigar a construção da identidade dos adolescentes que fizeram parte da Banda de Música de Redenção, no período de 1997 a 2002. Observamos que a identidade dos adolescentes está sempre em constante transformação, e o contato deles com a arte musical exerceu uma grande influência positiva no que diz respeito aos aspectos cognitivos e de personalidade dos integrantes. Com isso, nasceu, nesses adolescentes, um sentimento de uma maior valorização deles por parte da sociedade e da família. Concluímos, provisoriamente, assim, que a música influenciou positivamente a formação dos adultos que vieram a se transformar.

Palavras-chave: Identidade. Adolescente. Música. Redenção.

ABSTRACT

This Work has the general objective of investigating the construction of identity of adolescents who were part of the Band of Music of Redenção, from 1997 to 2002. We defend that the identity of adolescents is always constantly changing, and the contact with the musical art has had a great positive influence with regard to cognition and personality of the members. Thus, it was born in the adolescents a sense of a greater appreciation of them from the part of the society and family. We conclude that music positively influenced the formation of the adults who they came to be.

Keywords: Identity. Adolescent. Music. Redenção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	.08
I. A MÚSICA.....	.09
II. ELEMENTOS BÁSICOS DA MÚSICA.....	.10
III. A BANDA DE MÚSICA DE REDENÇÃO (1997-2002).....	.12
IV. A ADOLESCÊNCIA.....	.19
V. IDENTIDADE PESSOAL.....	.22
VI. ENTREVISTA.....	.23
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	.29
REFERÊNCIAS.....	.31

INTRODUÇÃO

A adolescência é reconhecida como um período de mudanças e transições nos aspectos físico, sexual, cognitivo, comportamental e emocional. A adolescência é também entendida como um período de reorganização emocional e emotiva, de constante turbulência, instabilidade, mudanças de hábitos e, principalmente, caracterizada pelo momento biopsíquico que os adolescentes estão destinados a passar.

A música integra a vida do ser humano, descrevendo e, ao mesmo tempo, retratando suas emoções, sendo entendida como uma manifestação estética capaz de expressar sentimentos mediante sons combinados de forma quase matemática, harmônica. Vale lembrar, também, que a música, como manifestação cultural, varia de cultura para cultura. Estudada por filósofos e musicistas, a música constitui um forte veículo de comunicação entre o concertista (músico) e a plateia (ouvintes ou apreciadores). Seja qual for seu propósito, a música sempre fará parte da experiência humana, refletindo suas emoções e atuando em nossa percepção sensorial.

O presente trabalho tem por objetivo, assim, investigar a possível influência da música no processo de construção da identidade do adolescente pertencente a Banda de Música de Redenção, no período de 1997 a 2002. Utilizamos autores como Bennett e Correa como referencial teórico para compreensão da história da música, de forma cronologicamente correta e consonante. Conforme os autores, a música é parte integrante e indissolúvel da vida humana, presente em todas as culturas, classes e grupos sociais. Para falar sobre teoria musical, nos baseamos no trabalho de Priolli, autor que é muito usado por alunos músicos para o aprendizado de teoria da música.

Para tratar da fase da adolescência, utilizamos as ideias de Osório, que relaciona mudanças próprias à passagem ou processo de transição criança-adulto. A identidade pessoal foi, por sua vez, abordada à luz do trabalho de Peirce e Ciampa.

D) A MÚSICA

A história da música se mistura com a história da humanidade. Desde os tempos mais remotos, o homem já produzia formas variadas de fazer música. A música nasceu com o homem observando a natureza, seus sons através, por exemplo, dos cantos dos pássaros, das batidas de asas das aves, dos fenômenos naturais, dos sons emitidos por diversos animais. Conforme Correa (1975), a música foi uma das primeiras formas de comunicação do homem. Pinturas rupestres em cavernas retratavam instrumentos musicais e pessoas supostamente dançando. Isso mostra, por sua vez, que a música é de longa data, uma das mais importantes manifestações culturais e representações artísticas da humanidade. Essas pinturas, registradas em cavernas, pirâmides, evidenciam que civilizações egípcias, assírios e babilônicas já possuíam instrumentos musicais de sopro, cordas e percussão, usados, conforme registros antigos, em eventos populares, religiosos e rituais fúnebre. "É a música a forma primeira de comunicação" (CORREA, 1975, p. 74). Priolli, na passagem a seguir, oferece uma caracterização para a música:

Música é arte dos sons, combinados de acordo com as variações da altura, proporcionados segundo a sua duração e ordenados sob as leis da estética. São três os elementos fundamentais de que se compõe a música: melodia, ritmo e harmonia (PRIOLLI, 2006, p. 06).

De modo semelhante à Priolli, Correa (1975) afirma que a música é a arte de combinar os sons através de notas musicais, obedecendo as leis que regem a estética musical, compreendendo que sua estrutura é baseada em três pilares que formam, juntas, a compreensão do que é música: melodia, harmonia e ritmo. Para Correa (1975), o conceito de "som" faz referência a tudo que desperta a audição (qualquer fragmento sensorial disponível à audição), seja em forma de ruídos ou de sons musicais, sons esses que comporiam o "mundo sonoro". Esses sons podem ser ouvidos na própria natureza (trovão, chuva, vento, etc.) ou podem ser produzidos pelo homem (bater palmas, fala, etc.). Os sons, quer sejam provenientes da natureza ou produzidos pelos homens, despertam alguma modalidade de percepção e experiência auditiva.

A música, assim como a humanidade, passou por muitas transformações ao longo da história. Mas em todas as civilizações em que se tem registro sobre a arte musical, ela era uma forma de representar os sentimentos de alegria, tristeza, equilíbrio, veneração aos deuses, formas de comunicação e representação artística. Cada civilização teve a sua particularidade em relação a música. Na civilização egípcia era comum, conforme desenhos esculpidos em pirâmides, o uso de "harpas e flautas". Nas civilizações

abilônicas, à luz da interpretação de registros e desenhos antigos, era mais comum o uso de "liras e cítaras", alguns instrumentos de sopro também foram encontrados registrados em desenhos. Na civilização chinesa, são poucos os registros sobre a musicalidade, mas sabemos que era comum o uso de lira de cordas de seda, órgão feito de bambu, e alguns instrumentos de percussão. Já um instrumento muito conhecido da civilização Hindu era a "vina" (uma lira com cordas esticadas sobre um tubo de bambu e com caixas que serviam para propagar o som).

Ao longo do tempo, a música veio se transformando e se tornando objeto de estudo por "músicos cientistas". Novas formas de enxergar a música e de representá-la foram desenvolvidas, visando a criação de uma estrutura teórica na qual pertenceria uma linha de pensamento sobre a música. Segundo Bennett (1986), uma peça musical é formada por diversos elementos indispensáveis e/ou considerados fundamentais (*melodia, harmonia, ritmo, timbre, forma e textura*). Nas palavras do autor:

Podemos dividir a história da música em períodos distintos, cada qual identificado pelo estilo que lhe é peculiar. É claro que um estilo musical não se faz da noite para o dia. Esse é um processo lento e gradual, quase sempre com os estilos sobrepondo-se uns aos outros, de modo a permitir que o "novo" surja do "velho" (BENNETT, 1986, p. 11).

Ou seja, para Bennet, a experimentação no âmbito de uma estrutura musical, a brincadeira e a mesclagem de estilos já consagrados, é aquilo que permite o surgimento do "novo", o que impulsiona a criação musical, expandindo os estilos e propagando novos hábitos de escuta e apreciação estética. Na próxima seção, abordaremos os elementos básicos constituintes da estrutura musical.

II) ELEMENTOS BÁSICOS DA MÚSICA

Para Bennet (1986), a peça musical é composta por múltiplos elementos combinados entre si, de modo a produzir um "todo" (uma *forma*) experienciado(a) como significativa e "agradável" à percepção sensorial, são eles: a *melodia, harmonia, ritmo, timbre, forma e textura*. A **Melodia** constitui a combinação das notas musicais executadas em gruas sucessivos, isto é, a parte da música que mais diretamente a caracteriza como tal, o que, por sua vez, permite a identificação da música pelo ouvinte. Para Bennett (1986), a melodia é o trecho da obra que confere sentido a música, mas defendendo ao mesmo tempo que o trecho entendido como melodia para um indivíduo específico pode não ser entendido da mesma forma por outro, tornando a melodia algo subjetivo. Já a harmonia expressa notas musicais tocadas simultaneamente, formando os acordes.

Geralmente é entendido como a base da música. "Usamos a palavra "harmonia" de duas maneiras: para referirmos à seleção de notas que constituem determinado acorde e, em sentido lato, para descrevermos o desenrolar ou a progressão dos acordes durante toda uma composição"(BENNETT, 1986, p. 12).

O *ritmo*, por sua vez, é compreendido como a combinação de valores, é a forma de agrupar as notas em tempos, para que sigam uma concordância e deem sentido a cadência. Bennett (1986) diz que o ritmo pode ser entendido como uma "batida" regular, organizando as notas em seus devidos tempos, servindo de referência para a composição do fundo musical. O *timbre* é aquilo que mais diretamente caracteriza o *som enquanto fenômeno sensível*. Ao ouvirmos duas pessoas, que conhecemos, falando uma com a outra, mesmo sem vê-las, podemos distinguir de quem é a voz (som). Isso em virtude da qualidade sensível, perceptível aos nossos ouvidos, de cada voz em particular (como se cada voz possuísse algo próximo a uma *cor*, "a cor da voz"). Essa qualidade sensível do som (o *qualia* do som) é o que chamamos *timbre*. Nas palavras de Bennett:

Cada instrumento tem uma qualidade de som que lhe é própria, aquilo que poderíamos chamar de "cor do seu som". Por exemplo, a sonoridade característica de um trompete é que nos faz reconhecê-lo imediatamente como tal, de modo a podermos dizer que diferença há entre esse instrumento e, digamos, um violino. É a essa particularidade do som que se dá o nome de timbre (BENNETT, 1986, p. 12).

O que Bennett, na passagem acima, designa *particularidade do som* pode, também, no âmbito da filosofia da mente, ser concebido como o *qualia* do som, a qualidade sensível em nós despertada pela audição do som. Nesse sentido, a *qualidade sensível [qualia]* do som produzido por um *trompete* (a "cor do som do trompete" [vermelho, digamos] é diferente (uma diferença que faz diferença) da *qualidade sensível [qualia]* do som produzido por um violino (a "cor do som do violino" [azul suave, digamos]. É essa diferença (ou *qualia*) aquilo que, em outras palavras, constitui o timbre. Já a *forma* é a maneira pela qual o compositor molda e/ou determina sua composição musical. Por fim, a *textura* constitui a qualidade do som [*qualia*] à luz do total coletivo dos elementos básicos da música (*melodia, harmonia e ritmo*). A textura pode ser analisada em termos de intensidade, se, por exemplo, suave ou agressivo. Existem bandas [de rock, digamos] que usam, por exemplo, uma textura bem densa, já outras (uma banda clássica, digamos) trabalham com uma textura mais leve e branda. *É como se a textura fosse, por assim dizer, o timbre, a qualidade sensível ou qualia, da música concebida como uma forma ou todo capaz de despertar experiências estéticas*. Assim, podemos dizer que a música, como forma capaz de agrandar a percepção sonora, sempre exerceu

fascínio e admiração. Trata-se, como vimos nas seções precedentes, de um objeto “complexo”, multifacetado que encanta, despertando sentimentos, a natureza humana. Esse fascínio com a música está na base do Projeto Banda de Música de Redenção, que passamos a abordar na seção que se segue.

III) A BANDA DE MÚSICA DE REDENÇÃO (1997-2002)

Com base em depoimentos de músicos mais antigos e, também, do Maestro Edson Sousa Brito, a banda de Música de Redenção teve a sua origem por volta da década de trinta. Seus fundadores foram o "Monsenhor Mourão" (vigário) e o Sr. "José Filgueiras", filho de Redenção. Nessa época, a banda estava diretamente ligada à Igreja Católica de Redenção. Por volta de 1970, Brito (2014) relata que o Maestro "Adaulto Gonçalves" assumiu a banda e ficou por volta de uma década a sua frente, sendo considerado um dos melhores maestros que a banda já teve. Por volta de 1989, a banda, já oficializada como "Banda Municipal de Redenção", e agora sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Redenção, recebeu como maestro o Sr. João Lopes de Melo. Maestro esse que, segundo Brito (2014), foi o "pai" de uma safra de grandes músicos da cidade de Redenção. O maestro Lopes de Melo, como era conhecido, apesar de grande notoriedade, não passou, contudo, muito tempo à frente da banda, apenas seis meses, mas o suficiente para deixar alunos capacitados que ficariam à frente da banda até o ano de 1994. Nesse mesmo ano, assume a banda o Sr. Edson Sousa Brito, que passa a comandar a nova "era" da banda de música. O maestro Edson, como é conhecido, foi nosso primeiro professor de música e maestro, isso nos anos de 1997 a 2002, objeto de análise do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

A Banda de Música de Redenção, em seu projeto mais recente, de 1997 ao ano de 2002, tendo como maestro o Sr. Edson de Sousa Brito (músico saxofonista, maestro de Formação Militar, e Bacharel em Humanidades pela UNILAB), tinha como objetivo o ingresso de jovens que viviam em situação de vulnerabilidade social em Redenção, para que eles pudessem ter oportunidade de compor a banda e, com isso, ter acesso a cultura, a arte e ao convívio com outros jovens que compartilhavam realidades semelhantes, podendo, assim, vir a ter uma possível mudança em suas perspectivas futuras de vida, além de um ambiente favorável ao desenvolvimento de uma personalidade saudável, cidadã, que respeita ao outro (o diferente de si mesmo). A banda era composta por, em grande maioria, jovens na faixa etária de 12 a 16 anos de idade, com um total de 18 integrantes em setembro de 1997, ano que nos engajamos no projeto. A quantidade de alunos músicos sofria alterações constantes, advindas do ingresso e

desistência por parte dos jovens, sendo bem mais comum o ingresso do que a desistência, chegando ao número de 27 músicos no ano de 2001, de acordo com Brito (2014). Eram jovens que estavam saindo da fase inicial da vida e passando por toda a transformação (ruptura de antigos e aquisição de novos hábitos) que a adolescência envolve e pressupõe. A grande maioria dos integrantes da banda eram provenientes da periferia de Redenção, pertencentes a uma classe social mais subjugada e abandonada pelo sistema de governo municipal. Há, assim, desde sua origem, um ideal de acolhimento e de justiça social, presente na Banca de Música de Redenção. Esse ideal consistia e consiste, sobretudo, em proporcionar, a jovens em condição de vulnerabilidade ou quase- vulnerabilidade social, oportunidade para engajamento em um projeto coletivo, por meio do aprendizado musical e, por conseguinte, para o desenvolvimento de uma sensibilidade artística e cultural, além de uma personalidade cidadã, que valoriza e respeita as pessoas e o espaço social mais amplo.

A banda, por muitos anos, como já relatado anteriormente, contou com o apoio e parceria da Prefeitura Municipal de Redenção, quando o seu nome era ainda "Banda Municipal de Redenção". Já em 1997, o termo "municipal" foi excluído, pelo fato de a banda ter se desvinculado da gestão municipal. Após o abandono pelo setor público, a banda manteve seu funcionamento e atividade por iniciativa voluntária de alguns músicos e integrantes mais antigos, como o maestro Edson Brito, grande idealizador e pioneiro na atividade voluntariada voltada para música em Redenção. Os ensaios da banda passaram a acontecer, assim, na residência do Maestro Edson, espaço amplo, que funcionava como a sede da banda. Os instrumentos, por sua vez, eram, em menor parte, de alguns alunos, e os outros instrumentos, grande maioria, eram pertencentes ao maestro, que os adquiria particularmente e oferecia aos jovens que não podiam comprar instrumento próprio.

Os ensaios aconteciam, periodicamente, de segunda a sexta, por volta das 16:30h, e contavam com aulas de teoria musical, ministradas pelo músico saxofonista José Clécio Silveira Silva, que também ocupava o cargo de contramestre da banda. Os ensaios da banda aconteciam no "salão" principal da casa do maestro Edson Brito e duravam cerca de duas horas. Músicas, de variados seguimentos e estilos musicais, eram executadas pela banda. Tocava-se desde música erudita (com arranjos vindo da Europa) até o popular "baião" de Luís Gonzaga, tipicamente nordestino, com arranjos do maestro Edson Brito.

Assim como qualquer outra modalidade artística, a música possui um

proeminente papel social de integração e socialização dos indivíduos em torno de um projeto coletivo, o fazer musical em orquestra. Nesse sentido, e como já destacamos, a Banda de Redenção possuía, como propósito, não apenas o aprendizado da música e da arte musical, mas, também, e sobretudo, a promoção da interação social, buscando harmonia entre a arte e vida cotidiana dos integrantes da banda.

Sendo assim, ao ingressar na Banda de Música de Redenção, o estudante passava por uma "avaliação" informal, uma breve entrevista com o maestro Edson, com a finalidade de recolher informações pessoais (nome, endereço, filiação, estudo escolar, etc.). Essas informações eram, por sua vez, anotadas em um livro de ata da banda de música, para fins de controle e estatística. Após a fase inicial de reconhecimento do ambiente (apresentação aos outros integrantes da banda), o estudante ingressante passava a anotar em um caderno, muitas vezes cedido pelo maestro, as primeiras lições básicas acerca da música e de teoria musical.

Conforme Priolli (2006), a música constitui a arte de combinar e compor sons de modo harmônico, agradável aos ouvidos, admirável. Assim, a teoria básica acerca daquilo que poderia ser considerado música e seus elementos essenciais (*melodia, harmonia e ritmo*) era apresentada, ao longo de um curso inicial, aos integrantes da banda. Nesse sentido, e mais especificamente, Priolli (2006) argumenta que *melodia, harmonia e ritmo* constituem elementos imprescindíveis para a representação ou expressão da música de modo profundamente sentimental. Todo ensinamento teórico e conceitual, passado pelo maestro, estava assentado e orientado pela premissa de Priolli de acordo com a qual melodia, harmonia e ritmo constituem elementos fundamentais ou pilares da representação e expressão musical.

Após a iniciação teórica (curso introdutório de teoria musical), os integrantes da banda passavam ao aprendizado da leitura de partituras, que, conforme afirma Priolli (2006), constitui *a música escrita em linhas transversais* (pauta), com representações de notas em forma de colchetes e símbolos que codificam sons e durações do tempo, ou seja, como a música é "transferida" para o papel e, em seguida, decifrada pelo músico conforme as regras básica de teoria musical e sob a supervisão e regência do maestro da fanfarra.

Conforme as lições avançavam, os estudantes começavam a ter um contato com os instrumentos musicais de sopro. A escolha do instrumento ficava, ao menos inicialmente, disponível ao próprio aluno, mas, também, e em um segundo momento, poderia ser redefinida pelo maestro, conforme à necessidade de organização e formação

da banda. Após dicas do maestro acerca de como segurar o instrumento e manusear as chaves (mecanismo do instrumento), o aluno poderia tirar as primeiras notas, que, muitas vezes, não se assemelhavam, de fato, ao timbre do instrumento, por conta, em especial, da falta de embocadura (maneira de posicionar a boca no instrumento) por parte do ingressante aprendiz. Esse "ritual" se repetia por semanas ou meses, até o ingressante exibir mínimo domínio sobre o instrumento, além de se mostrar capaz de executar suas (do instrumento) notas básicas. Uma vez que o aprendiz fosse capaz de extrair corretamente as notas básicas e minimamente expressar domínio de seu instrumento, as lições, antes feitas na oralidade, passavam a ser cobradas por execução no instrumento. Também, e com esse domínio inicial do instrumento alcançado, e com a percepção, por parte do maestro, do real comprometimento do ingressante com a banda, ao estudante era, então, consentido levar, para casa, o instrumento, para que pudesse praticar com mais frequência e, dessa forma, ser capaz de desenvolver, aperfeiçoar e consolidar suas habilidades musicais.

Os instrumentos musicais que faziam parte da Banda de Música de Redenção eram, em grande maioria, instrumentos de sopro, como, por exemplo, saxofone (alto, tenor, barítono, soprano), trombone de vara, trompete, tuba, clarineta, bombardino, flauta transversal. A banda contava, também, com instrumentos de percussão, tais como: bateria montada, bombo, caixa, pratos, etc. Vale, também, dizer que a Banda de Redenção seguia o "estilo" das bandas militares. Tocava repertório musical variado, desde os "dobrados" militares, passando por músicas eruditas, e também músicas de gosto popular. Instrumentos de sopro são, de um modo geral, instrumentos que, para emitir sons, demandam boa condição e força física, o uso dos pulmões e diafragma do executante. Esse tipo de instrumento, além de ser favorável a uma boa saúde, uma vez que requer esforço físico benéfico, mostra-se, também, mais acessível (barato), já que dispensa energia elétrica, estúdio apropriado e manutenção de alto valor, como é o caso, por exemplo, dos instrumentos eletrônicos. Esses instrumentos de sopro são fáceis de manusear, mas, por outro lado, necessitam de práticas diárias, para que não se perca a embocadura, nem tampouco resistência física requerida para segurar o instrumento, bem como a manutenção de uma respiração equilibrada, para apropriada execução da melodia.

Por intermédio da prática quotidiana de execução e manuseio de instrumentos de sopro, os integrantes da Banda de Música de Redenção foram capazes de desenvolver e incorporar hábitos e habilidades que se expressão em termos de *técnicas de posturas*,

como sentar, respirar e como se comportar em meio ao público nas apresentações abertas. Quando o estudante adquire certa habilidade, competência e experiência no manuseio e execução de seu instrumento (além da compreensão da base da música ou da teoria musical), ele pode passar, como um desenvolvimento posterior, e na concepção de Priolli (2006), a desenvolver, também, *técnicas de improviso*, ligadas ao sentimento e criatividade com base nos quais passa a conceber e vivenciar a música, ou melodia coletiva, que participa como agente. É assim que, coletivamente, a banda, como unidade, se desenvolve ao longo do tempo, moldando, individualmente, a identidade musical (e também pessoal) de seus integrantes e, ao mesmo tempo, sendo também, como um produto emergente, moldada pelo padrão que emerge da associação e interação entre os integrantes em atividade e desempenho coletivo.

Passada a fase inicial de aprendizado de teoria musical pela oralidade e execuções no instrumento, aos integrantes da banda era dada a oportunidade para compor a banda principal, da qual já participavam os estudantes mais antigos. Os ensaios consistiam em passar toda a peça musical, afim de corrigir possíveis erros de notas e execução dos instrumentos. Essa correção, empreendida pelo maestro, acontecia sempre por bancada (metais ou palhetas) ou naipe de instrumentos (instrumentos específicos) e muitas das vezes era feita de um por um, principalmente quando a música possuía elevado grau de complexidade, em relação ao potencial de musicalidade da banda. Durante os ensaios, eram comuns divergências em relação a quem deveria ser, por exemplo, o solista do naipe, integrante que exerce papel de condutor e possui, nesse sentido, uma enorme responsabilidade no âmbito da atividade da banda.

Costa (1987) aponta que o jovem, ao passar pela fase de transição criança-adulto, está consciente da noção da mudança ocorrente ou em jogo. O jovem, por assim dizer, experimenta real e imaginativamente o mundo adulto, aos poucos, progressivamente. Mas, em virtude das transformações cognitivas e comportamentais pressuposta por tal passagem (adolescência/vida adulta) experimenta, também, o medo do "novo", das responsabilidades, possibilidades e hábitos. Trata-se de um período, do ponto de vista existencial (fisiológico, cognitivo e comportamental), de "turbulência", de grandes transformações no horizonte da vida. A banda oferecia, nesse sentido, oportunidade de crescimento, orientada por uma espécie de tutor (o maestro) disponível não apenas em terreno musical, mas se estendendo para outras dimensões da vida. Assim, por exemplo, a figura do maestro era importante para definir quem deveria assumir a responsabilidade de desempenho do papel de solista da bancada de cada instrumento, o que, por sua vez,

colocava nos ombros do jovem em formação uma considerável responsabilidade. E a vida, como sabemos, está repleta de atribuições que requerem, de nossa parte, o enfrentamento de dificuldades e responsabilidades, de modo que, em algum sentido, a experiência na banda de Redenção representava, também, para os jovens, uma espécie de ensaio para a vida (em especial no âmbito da transição adolescente/adulto; trazendo, por exemplo, ou tematizando, a questão do reconhecimento (aquele que era escolhido solista possuía, por assim dizer, papel de destaque nas atividades da banda e o enfrentamento de desafios). Myers (2000) destaca que o adolescente busca compreender a sua identidade via representação, também, de quem ele é (ou seria visto) aos olhos dos "outros". Por isso também, sobretudo na adolescência, há uma constante busca por "modelos comportamentais", referências acerca de como se comportar e agir no meio onde está inserido. É comum, assim, buscar, na identidade de quem admira, comportamentos, hábitos e modos de conduta apropriados para si, como sujeito ou adulto nascente e em formação. Assim é que, a figura do maestro, e o meio musical, podem constituir (e a banda de Redenção nasceu com esse ideal) modelos de conduta e de ambiente favoráveis ao desenvolvimento de uma identidade adulta desejável do ponto de vista subjetivo e pessoal.

Nas apresentações em público, a banda contava com um fardamento simples. Calça "jeans" e camisa branca com o nome "Banda de Redenção" estampado. Sapatos preferencialmente pretos, sendo a camisa vestida por "pano passado" (camisa por dentro da calça). A locomoção, às vezes, era feita por ônibus conseguido por meio de ofício à Secretaria de Cultura do Município de Redenção. Outras vezes, o maestro levava os integrantes em carros particulares conseguidos por ele ou por simpatizantes do projeto da banda. Ao chegar ao local das apresentações, o maestro Edson Brito se encarregava de organizar o lugar e a ordem de como a banda se posicionaria. Nos locais de apresentação, haviam manifestações de curiosidade por parte das pessoas, principalmente de crianças e adolescentes que, ao se depararem com jovens bem arrumados e carregando nas mãos pequenos e grandes estojos musicais, ficavam maravilhados. Os instrumentos maiores (tuba, bateria) chamavam mais a atenção das pessoas, mas os menores (sax, clarinete, flauta transversal) eram os "queridinhos do público".

A expectativa em torno do começo da apresentação sempre causava nervosismo entre os integrantes da banda. Quando a orquestra, ao comando do maestro Edson Brito, dava início à tocata (apresentação da banda), tal nervosismo tendia a passar e a atenção

do público se voltava para aquele grupo de jovens, que há tempo atrás era desacreditado pela sociedade, mas que, então, passavam a ser considerados verdadeiros artistas da cidade. Ao final de cada peça musical, a banda arrancava aplausos do público. As pessoas ficavam orgulhosas ao ver jovens com talentos admiráveis. Ao final de cada apresentação, cada integrante ficava responsável pela limpeza do instrumento e de transporta-lo até a sede da banda. Era comum, após as apresentações, haver opiniões e críticas acerca daquilo que teria sido de fato bem executado e aquilo que ainda teria que ser aperfeiçoado. As apresentações aconteciam principalmente em datas comemorativas da cidade e/ou quando solicitada por colégios, igrejas, e convites por municípios vizinhos. A Banda de Música de Redenção participou de diversas apresentações na quais estavam presente outras bandas. "Ganhou", por exemplo, encontro de bandas que disputou com a banda do "Colégio Júlia Jorge" (CENEC), considerada uma das melhores bandas do estado, realizado no "Colégio Perboyre e Silva" (CENEC), em setembro do ano 2000, mês que abrigava, anualmente, a "*Noite de Talentos*".

Noite de talentos (Colégio Perboyre e Silva (CENEC)):



Banda de Música de Redenção, 1999, Arquivo Pessoal.

Muitas tocatas aconteceram nesse período de 1997 a 2002, muitas experiências

trocadas e repartidas entre os integrantes da banda. As mais notórias foram as apresentações no "*Teatro José de Alencar*", no *Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar* no ano de 1999. Em Guaramiranga, no festival "*Jazz e Blues*", em 2001. Todos os integrantes da banda formavam, digamos assim, uma grande família. Como estavam na adolescência, criaram fortes laços de amizade entre si. Era comum, assim, para os integrantes da banda, passar mais tempo com os companheiros do que com os próprios familiares. Com o passar dos anos, os integrantes deixavam, já adultos, a banda, em busca de novos caminhos. Muitos foram tocar, por exemplo, em bandas de forró, outros em bandas de baile, outros tornaram-se professores em projetos voltados para música, outros adotaram profissões não diretamente relacionadas a música e assim por diante. Nesta seção, procuramos, assim, explicitar um pouco da trajetória da Banda de Redenção, além de indicar o papel de relevância social desempenhado pela banda, sobretudo no que diz respeito ao oferecimento de um ambiente favorável à passagem da adolescência para a vida adulta dos seus (da banda) jovens integrantes. Entendemos que a adolescência constitui (e esse é o tema da próxima seção) um período de profunda transformação e, nesse sentido, e como investigaremos, nossa hipótese é que a música e as atividades e interações coletivas próprias à Banda de Música de Redenção influenciaram positivamente a personalidade nascentes dos jovens do projeto.

IV) A ADOLESCÊNCIA

Em linhas gerais, e como amplamente expresso pelo senso comum, o termo “adolescência” quase que diretamente remete, ou se refere, aos termos “mudança e transformação”. Essas mudanças e transformações ocorrem, no jovem, tanto na parte física (metabólica/fisiológica) quanto na esfera psicocomportamental. Do ponto de vista físico, nos meninos, algumas modificações, próprias à puberdade e/ou adolescência, são, por exemplo, as seguintes: crescimento repentino, transformação na voz, pelos pubianos, aumento na produção de hormônios. Já nas meninas: o aumento dos seios, a ovulação e menstruação são as mudanças mais características da puberdade e/ou entrada na adolescência. Os traços comportamentais dos jovens (seus hábitos) também se apresentam, metaforicamente falando, como grande palco de transformação, por exemplo: nas formas de vestimenta, “rebeldia”, isolamento, “liberdade sem limites”, tristezas e alegrias acentuadas, repentinamente, e sem motivos aparentes. De acordo com Osório (1992), não é possível entender e abordar a fase conhecida como

adolescência sem necessariamente considerar, integradamente, fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais: “Eles são inseparáveis e é justamente o conjunto de suas características que conferem unidade ao fenômeno da adolescência” (OSORIO, 1992, p. 10).

Apontar para as extremidades fisiológicas e comportamentais da fase conhecida como adolescência, seu início e seu final, não constitui tarefa fácil, uma vez que não há, por assim dizer, parâmetros biológicos e, muito menos, psicocomportamentais objetivos para ajudar na determinação da expressão da adolescência nos mais diversos jovens das mais diversas culturas. Contudo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, para fins práticos e orientação de políticas públicas (de saúde, sociais e assim por diante), a adolescência compreende o espectro ou faixa etária que se iniciaria aos 12 e terminaria aos 20 anos. Nesse sentido, Osório (1992) defende que o final da adolescência (aproximadamente entre 18 e 20 anos) constitui uma fase da vida em que o jovem especialmente passa a assumir novas responsabilidades. Nessa fase, ele já pode vislumbrar aquilo que se apresenta como seu possível ou provável horizonte de vida adulto, suas relações afetivas e compromissos educacionais e profissionais nascentes. Nesse período da vida, como argumenta Osório, relações sociais saudáveis, e modelos de vida dignos, seriam essenciais para a formação da identidade ou personalidade adulta do jovem, ou adolescente, em formação. Foi, como já afirmamos, justamente essa compreensão que originou o projeto Banda de Redenção. Mas, no caso dos adolescentes de Redenção, a maioria em condição de vulnerabilidade social, o "fim da adolescência" ocorreu mais cedo, em média aos 18 anos de idade, levando em conta a responsabilidade impostas a esses jovens, que tiveram que começar a trabalhar para contribuir com o sustento da família (Pai, mãe, irmãos) e pelo fato de muitos desses jovens ter constituído família (esposa e filhos) tão cedo.

Assim, durante a adolescência em especial, o jovem começa a criar expectativas (estabelecer propósitos para si mesmo) e curiosidade acerca de quem ele é e como são os outros com quem mais diretamente interage, estabelecendo ou buscando, como já destacamos, modelos, ícones, adultos com os quais se identificam, pessoas a serem seguidas, concebidas como exemplos de vida. Ele (o adolescente) sabe que seu mundo “[...] está sujeito a sofrer transformações. Embora tenha a percepção dessa transição criança-adulto, tal processo é ainda um tanto nebuloso e desconhecido para ele”. (COSTA, 1986, p. 49).

As transformações físicas e comportamentais, experienciadas pelos adolescentes, são, ou podem ser, realmente "perturbadoras". Alguns se refugiam em um "mundo isolado". Essa curiosidade e, ao mesmo tempo, receio advindo da transformação em curso, acaba por constituir verdadeiro desafio para o sujeito que agora começa a aventurar-se pela vida adulta. Por essa razão, e como argumenta Outeiral (1994), a passagem compreendida como adolescência é entendida como uma fase em que o sujeito pode experimentar crises de existenciais, como quando, por exemplo, é forçado a enxergar as mudanças em seu corpo, o despertar de novas possibilidades e escolhas, o despertar de novos hábitos, valores e contextos sociais e culturais.

Ainda de acordo com Outeiral (1994), é como se o adolescente "abandonasse" o seu corpo infantil e, por conseguinte, passasse a construir um novo ser, com novas demandas e necessidades biológicas e comportamentais, novos hábitos e diferentes configurações físicas e psíquicas. Essa metamorfose vivida pelo adolescente é, de um modo geral, por ele percebida como assustadora e inspiradora, temida, mas, ao mesmo tempo, desejada, admirada e esperada por ele. Essa mudança traz experiências que o indivíduo muitas vezes não sabe como lidar. Mudanças cognitivas também fazem parte desse novo ser adolescente, que desenvolve e aperfeiçoa a razão e o engajamento em pensamentos abstratos. O raciocínio lógico se desenvolve consideravelmente. A capacidade de raciocinar, de deduzir, inferir, criar hipóteses e, sobretudo, extrair consequências de ações ou comportamentos adotados e/ou concebidos é, consideravelmente, ampliada, desenvolvida e aperfeiçoada.

De um modo geral, as mudanças transcorridas acarretam uma verdadeira necessidade de ressignificação, de si mesmo, das relações interpessoais, do mundo e assim por diante. Tudo isso faz com que, naturalmente, o adolescente passe por uma busca, as vezes dolorosa, de estabelecimento dos rumos de sua vida, dos seus propósitos, daquilo que deseja para si mesmo. É nesse momento especial que boas interações sociais, e um ambiente saudável, podem contribuir para a formação positiva da personalidade nascente. É precisamente nesse sentido que julgamos que a banda de música de Redenção representa, para seus jovens integrantes, ambiente em que um apreço pelo outro (por construções coletivas, como participação e colaboração em orquestra) é cultivado. Lá, também, os jovens encontram, por assim dizer, modelos de conduta, de inspiração. Sentimento de família, e fraternidade, que (é o que exploraremos, como hipótese, neste trabalho de conclusão de curso) em muito beneficia

o adolescente na passagem para uma vida adulta (no estabelecimento de sua identidade pessoal, tema a ser abordado na próxima seção).

V) A IDENTIDADE PESSOAL

A identidade pessoal, de acordo com Bock (1998), constitui uma unidade biopsíquica, um conjunto unificado de vivências experienciadas por uma unidade de consciência, um “eu”. Esse “eu”, ou unidade de consciência, por sua vez, nos representa (*ou equivale a quem somos*) perante a nós mesmos e ao mundo. Em outras palavras, nossas características *genéticas* (dada pelo código genético) e *epigenéticas* (adquiridas no exercício de nossas próprias vidas) constituem, como uma *forma-sujeito, quem somos*. Tudo que possa nos diferenciar, nos fazer, em alguma medida, singular é entendido como sendo parte de nossa identidade. Sexo, altura, cor, hábitos psicocomportamentais tendem, em conjunto, a expressar “quem somos” para nós mesmos e para os outros. O autor defende, contudo, que a identidade pessoal não constitui algo “cristalizado”, mas, antes, se inscreve em um constante ou ininterrupto processo de mutação e transformação, por meio de novas experiências, substituição de antigos e aquisição de novos hábitos, escolha de novos propósitos para a vida e assim por diante. Mas, para Bock, a identidade não é completamente função da experiência interna do sujeito, sua unidade, conferida pela experiência interna em primeira pessoa (experiência do “eu”). A identidade seria, fundamentalmente, em maior ou menor grau, determinada também por fatores externos, como acontecimentos na trajetória da vida pessoal e social, sendo esses fatores (e o meio social no interior do qual o sujeito encontra-se inserido) fundamentais para a formação de *quem somos* e como nos identificamos.

Também, e de acordo com o filósofo Charles Peirce (1958), a identidade pessoal, não corresponderia a alguma coisa necessariamente estática, estando sempre, por conseguinte, em transformação e sendo moldada por um feixe ou conjunto de hábitos. Mais explicitamente, para Peirce, o conjunto de hábitos de um sujeito seria a base da personalidade. A nossa personalidade possuiria uma face, ou uma identidade, porque ela é formada por um conjunto singular (próprio) de hábitos. Sendo assim, e em certa medida, ao mudar nossos hábitos, mudamos, também, quem somos como pessoa. De acordo com Peirce: “[...] por um hábito condicional, desejo denotar uma determinação da natureza oculta de um indivíduo que tende a causá-lo a atuar de certo modo geral no

caso de certas circunstâncias gerais aparecerem [...]” (CP, 5, *endnotes*). Assim, quando estabelecemos quem somos pelos hábitos que adquirimos e/ou papel social que desempenhamos, esculpimos, igualmente, nossa personalidade. Percebemos a nós mesmos como possuindo uma certa continuidade (ou unidade de consciência) no tempo e no espaço e, além disso, tal continuidade é também reconhecida pelo outro, por meio de nossas múltiplas interações pessoais e sociais. Tal como argumentos na seção anterior, na adolescência estamos em especial, ou muito mais, abertos à transformações nos hábitos e sentimentos que moldam a nossa personalidade. Nesse sentido, a presença em um ambiente acolhedor, que favorece a interação recíproca e respeito entre as pessoas, é fundamental para que venhamos a incorporar hábitos que promovam o desenvolvimento de uma personalidade saudável, com consciência social, desejo de desenvolvimento enquanto ser humano e reconhecimento dessa humanidade também nos outros. Assim, nossa hipótese é que a música e/ou a participação de adolescentes, muitos deles em condição de vulnerabilidade social, na Banda de Música de Redenção teria sido fundamental para que esses mesmos adolescents desenvolvessem uma personalidade saudável, conquistando espaço no mundo. É justamente o que investigaremos com base nas entrevistas realizadas com antigos estudantes da banda.

VI) ENTREVISTA

A amostra constitui-se de jovens do sexo masculino, que residem na Cidade de Redenção, totalizando 10 entrevistados. Foram feitas, aos entrevistados, 6 perguntas, sendo elas as seguintes:

- 1) Você poderia dizer o que inicialmente despertou seu interesse pela música ou atividade musical?
- 2) Você poderia descrever como aconteceu o seu ingresso na Banda de Música de Redenção? Qual era sua idade quando você começou na Banda?
- 3) Quanto tempo você fez parte da Banda de Música de Redenção?
- 4) Você poderia apontar quais, em sua opinião, foram os hábitos, valores ou modos de comportamento positivos (ou negativos) observados e cultivados, pelos mestres, durante o seu período de formação e participação na Banda?
- 5) Você acredita que a sua participação na Banda de Música de Redenção colaborou (ou não) com a formação da pessoa que você é hoje? Caso sim, como isso ocorreu?
- 6) Você conseguiria pensar, fazendo um esforço de imaginação, quem seria você hoje (ou quem você poderia ter sido) sem um apreço especial pela música e sem a sua

participação na Banda de Música de Redenção?

Todos os entrevistados livremente concordaram em participar da entrevista e autorizaram o uso das respostas (garantido o caráter de não-identificação desses entrevistados) como material de análise no âmbito desse trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, e mais explicitamente, os participantes da entrevista foram indagados primeiramente acerca do tempo que permaneceram na Banda de Música de Redenção, o ano que ingressaram e o ano que saíram, e qual idade tinham quando entraram na banda. Vejamos, assim, o quadro abaixo:

Quadro 01: Apresentação (jovens entrevistados):

INTEGRANTES DA BANDA	IDADE DE INGRESSO NA BANDA	PERÍODO QUE FEZ PARTE DA BANDA
INTEGRANTE 01	12 ANOS	1997 a 2002
INTEGRANTE 02	13 ANOS	1997 a 2001
INTEGRANTE 03	13 ANOS	1998 a 2002
INTEGRANTE 04	13 ANOS	1997 a 2002
INTEGRANTE 05	12 ANOS	1997 a 2001
INTEGRANTE 06	13 ANOS	1998 a 2002
INTEGRANTE 07	14 ANOS	1997 a 2002
INTEGRANTE 08	13 ANOS	1997 a 2002
INTEGRANTE 09	16 ANOS	1997 a 2002
INTEGRANTE 10	13 ANOS	1997 a 2002

Assim, como expressão do corte adotado pelo trabalho, os entrevistados, todos eles, ingressaram na Banda de Música de Redenção entre os anos de 1997 a 2002, e a média de permanência foi de, aproximadamente, 4 anos. Em relação a idade, a grande maioria foi ingressou por volta dos 12 a 13 anos e apenas um integrante ingressou na banda aos 16 anos. Analisando as respostas obtidas, é perceptível notar a influência da música e da participação na Banda de Redenção na formação da identidade dos entrevistados, ficando, assim, visível, nas respostas recolhidas, o quanto eles são gratos por terem vivenciado um contato íntimo com a música e com um ambiente social acolhedor, fraterno, na fase da adolescência. Deixam, assim, transparecer que esse

envolvimento com a música e com a banda teria sido responsável por mudanças profundas no modo de encarar a vida. De um modo geral, os entrevistados enfatizam, como mudanças e hábitos positivos, promovidos pela participação na banda, a disciplina, organização, a sensibilidade artística, apreço pelos estudos e pontualidade. Vejamos algumas citações: "*vários hábitos positivos obtivemos ao participar da Banda, (...) aprender a trabalhar em equipe, desenvolver o hábito da disciplina, saber ouvir ao próximo, atender a horários, (...) ter uma profissão*" (INTEGRANTE 02, 2016). Além disso, outro integrante destaca, "*(...) a minha participação foi fundamental para minha visão de mundo, esse contato com a música me fez evoluir como ser humano. Hoje sou uma pessoa mais organizada e disciplinada nas minhas obrigações do dia-a-dia*" (INTEGRANTE 07, 2016); como também: "*(...) a música me fez uma pessoa mais organizada e disciplinada, pois, para aprender partitura, é preciso muita concentração e organização, principalmente na hora de ler e transcrever as peças musicais*" (INTEGRANTE 05, 2016); "*antigamente eu só chegava atrasado na escola, quando eu entrei na banda, eu aprendi a respeitar os horários dos ensaios e conseqüentemente passei a ser pontual também na aula*" (INTEGRANTE 03, 2016).

Sendo assim, parece correto afirmar que a música, através da participação na banda, teria promovido o estabelecimento de hábitos positivos na personalidade adulta dos entrevistados. Já ao perguntar acerca daquilo que teria levado os entrevistados à participarem da banda, cinco responderam que apreciavam a banda quando ela se apresentava pela cidade e, com isso, nasceu ou veio também a vontade de participar: "*(...) achava bonito o som dos clarinetes e dos trombones*" (INTEGRANTE 10, 2016); "*eu sempre ia perto da banda nas procissões da igreja*" (INTEGRANTE 01, 2016); "*(...) eram bonitas as músicas que a banda tocava*" (INTEGRANTE 06, 2016). Cinco (5) responderam que começaram a participar da banda por influência de amigos que dela já faziam: "*o que despertou o meu interesse pela música foi a curiosidade e o fato de ter alguns colegas que já estudavam música na banda de Redenção*" (INTEGRANTE DA BANDA, 2016); "*(...) um certo dia, saindo de um desses encontros, junto de um amigo já participante da Banda de Redenção, ele me perguntou se eu queria fazer parte da banda*" (INTEGRANTE 08, 2016); "*(...) fui a convite de um amigo para o ensaio e acabei entrando na banda*" (INTEGRANTE 09, 2016).

Ao serem questionados acerca se a Banda de Música de Redenção teria (ou não)

exercido algum tipo de influência na formação da pessoa que vieram a se transformar, nove integrantes (9) informaram que a música foi de extrema importância na construção do caráter e do ser humano que são hoje. Destacaram a participação na banda como essencial para desenvolver a autoestima, a vida em grupo, o respeito as diferenças e as limitações do próximo. Vejamos alguns relatos: "*(...) quando ingressei, estava vivendo um quadro depressivo e me achava incapaz para tudo. Quando comecei a estudar música, notei que era capaz, isso me abriu a mente, me deu oportunidade de viver boas experiências*" (INTEGRANTE 01, 2016); "*(...) ressalto que a convivência com vários jovens na banda me fez respeitar as diferentes opiniões e os limites técnicos e pessoais de cada um, com isso, pude preservar os laços de amizades até hoje*" (INTEGRANTE 03, 2016).

Apenas um (1) integrante sugeriu que a música não influenciou grandemente a sua personalidade, e ressalta que a música teve mais um papel profissional do que social: "*(...) a música teve influência sim, mas não na pessoa que sou e sim no profissional*" (INTEGRANTE 06, 2016).

Podemos, assim, constatar que a grande maioria dos entrevistados relatou a importância da música e a participação na banda na formação da pessoa que vieram a se tornar. Três (3) entrevistados confidenciaram que, na fase de ingresso na banda, passavam por problemas familiares, e viram, na música, uma forma de ocupar a mente, mas que, ao passar do tempo, o que era apenas uma distração, se transformou em uma paixão pela arte. Analisando as respostas, fica evidenciado que a música, através da banda, representou, para os entrevistados, muito mais que uma simples reunião diária para ensaios, constituindo mesmo fonte de aprendizado acerca de como bem viver em sociedade, como se relacionar com o outro e superar problemas do cotidiano. E, por fim, perguntamos aos entrevistados se eles conseguiriam pensar, fazendo um esforço de imaginação, quem seriam hoje (ou quem poderiam ter sido) sem um apreço especial pela música e sem a participação na Banda de Música de Redenção. A maioria (sete integrantes) responderam que não conseguiriam pensar em quem poderiam ter sido sem a participação na Banda de Música de Redenção. Vejamos: "*(...) pelo ciclo de amizade que tinha e pela realidade que vivia na minha juventude, acho que seria mais um jovem que vivia na ociosidade*" (INTEGRANTE 04, 2016); "*(...) seria com certeza tudo muito diferente, ou até o oposto da minha personalidade, eu não consigo me imaginar sem esse período na minha vida*" (INTEGRANTE 07, 2016); "*(...) não consigo imaginar como seria minha vida sem esse contato com a música. Creio que*

eu não seria uma pessoa muito sociável, pois, antes da banda, eu era muito tímido" (INTEGRANTE 02, 2016). Dois (2) responderam que certamente seriam indivíduos frustrados, uma vez que, no momento do ingresso na banda, eles passavam por problemas pessoais, e que sem o intermédio da música temiam ter tomado rumos que os desviassem do caminho do bem (da honestidade, da cidadania e vida em sociedade: "(...) *eu era depressivo e tinha contato com usuários de drogas, não gosto nem de imaginar o que eu poderia ter sido sem a presença da música na minha vida*" (INTEGRANTE 07, 2016). Apenas um relatou que, caso não tivesse contato com a música, teria provavelmente se engajado em modalidade distinta de arte, ressaltando que tem uma forte tendência em trabalhar com educação, por influência de familiares: "*provavelmente atuaria em alguma área que envolve arte. Também tenho um certo envolvimento com a educação, área que também me cativa e me envolve*" (INTEGRANTE 03, 2016).

Podemos, assim, observar que a maioria dos entrevistados não consegue imaginar como seria a vida sem a música e a participação na banca de Redenção, pois, para eles, a música teria sido fundamental para desenvolver o caráter e a personalidade. Foi da música que os grupos de amizades foram construídos e consolidados. É notável, nos relatos, que os entrevistados reconhecem e julgam que teria sido por intermédio da música e da participação na banda de Redenção, no período da adolescência, que conseguiram construir uma base sólida de valores, comportamentos e hábitos, base essa sobre a qual vieram a moldar o caráter que, como adultos, possuem hoje, e daí, para eles, a natureza essencial da participação na banda de música de Redenção.

Observamos, assim, que 90% dos entrevistados relataram que a música e a participação na banda de Redenção foram de extrema importância para a formação da pessoa que vieram a se transformar. Todos responderam que, através da participação na Banda de Música de Redenção, conseguiram desenvolver a autoestima e a coragem para buscar e enfrentar novos desafios. Antes viviam ociosos e sem perspectiva de vida, resultando em um sentimento de incapacidade e frustração. Com o ingresso na banda, muita coisa mudou, fazendo nascer uma autovalorização, vontade de progredir como músico e também como pessoa. Sete (7) entrevistados apontaram para a problemática da falta de investimento do setor público em projetos sociais: "(...) *se os governantes investissem em arte, muito dos meus colegas não estariam nas drogas*

hoje" (INTEGRANTE 06, 2016). Eles defendem que a música os fizeram pessoas melhores e mais conscientes e, desse modo, acreditam que se mais jovens tivessem acesso a música em Redenção, poderia não haver tanta violência na sociedade como hoje é observado. Todos, sem exceção, responderam espontaneamente que depois das aulas de música desenvolveram uma capacidade intelectual, um raciocínio, mais apurado e eficiente, afirmando que os rendimentos em atividades escolares, matemática principalmente, cresceram significativamente. Oito (8) entrevistados apontaram que a interação com familiares melhorou consideravelmente, fazendo que, as próprias famílias dos integrantes da banda, notassem essa mudança de comportamento e, por conseguinte, passassem a apoiar a permanência dos jovens na banda.

Os entrevistados apontaram, também, para a questão "respeito", afirmando, nesse sentido, que a música, e a participação na banda, os fizeram pessoas mais sociáveis, fraternas, expressando, assim, um sentimento mais desenvolvido de afetividade pelo "outro", sentimento esse orientado pela compreensão e tolerância. Sete (7) responderam que, por intermédio da música, puderam mudar a própria realidade, não somente pela prática da arte, mas, também, e sobretudo, como um propósito (o de formação como músico) a ser seguido. Também, para muitos, a música se desdobrou em profissão (e eles vivem "da música" nos dias de hoje"). Mais explicitamente, os que hoje trabalham com música afirmam ser realizados profissionalmente, obtendo não apenas o sustento, mas a satisfação e prazer com a profissão. Os que, por outro lado, não exercem a música como atividade profissional, deixam claro que ela contribuiu significativamente para a profissão que hoje exercem na vida, uma vez que acreditam que a música e a participação na banda de Redenção trouxeram, para suas vidas, valores ou atitudes como respeito, disciplina e responsabilidade. Outro fato relatado pelos entrevistados é que todos, sempre que podem, se reúnem para falar com sentimento de nostalgia do tempo de banda, e os que já são pais, por exemplo, incentivam os filhos a trilhar esse mesmo caminho. A gratidão pelo Maestro, Edson Sousa Brito, foi também mencionada. Os entrevistados relataram que possuem uma grande admiração pelo maestro que, com dificuldade (financeira), conseguiu passar com muita atenção e boa vontade seus ensinamentos musicais, valores e hábitos de conduta. Ressaltam a grande importância (e o modelo de comportamento) que o maestro representa na vida de muitos jovens de Redenção.

Por fim, os entrevistados comentam que, sempre que possível, costumam se reunir com o maestro Edson, fazendo apresentações pela cidade, para amenizar a saudade dos amigos. Fazem isso com muita gratidão e alegria, tentando passar para, os mais jovens, a beleza e valor da arte vivenciada como música.

"Encontro da Saudade", na Praça do Obelisco, em Redenção, 2015:



Banda de Música de Redenção, 2015, arquivo pessoal.

Os encontros, esporádicos, da banda representam, para os entrevistados, momento de confraternização entre jovens que se conheceram no âmbito do projeto Banda de Música de Redenção. Hoje, esses jovens, que construíram laços de amizade via participação na banda, compartilham uma história de superação e vitórias. A foto acima captura um momento que expressa anos de convivência e aprendizado através da arte, de parcerias e amizades. Podemos observar, na foto, a felicidade dos integrantes e a gratidão pela música, ao levantarem os instrumentos como se fossem troféus.

VII) Considerações Finais

Investigamos, neste trabalho de conclusão de curso, a influência da música na construção da identidade pessoal dos adolescentes da Banda de Música de Redenção,

no período que compreende os anos de 1997 a 2002. Com base nas entrevistas, observarmos (e confirmamos nossa hipótese) que a música, através da banda, se desdobrou como elemento de transformação da vida dos integrantes, principalmente em aspectos como, por exemplo, disciplina, organização, solidariedade, respeito ao próximo, tolerância e responsabilidade social. Assim sendo, os integrantes da banda de música experimentaram, na adolescência, profunda mudança comportamental, com aquisição de novos hábitos que, em conjunto, moldaram positivamente a personalidade adulta (ou identidade pessoal) desses mesmos integrantes. Elementos e princípios básicos da música, como, por exemplo, organização, sensibilidade crítica e criatividade, além da disciplina e solidariedade necessárias à participação em um projeto coletivo, podem ser elencados como aqueles mais diretamente responsáveis pela transformação positiva decorrente do período de engajamento na banda. Vale destacar, também, que os participantes da banda de música, no período aqui analisado, exibem hábitos e comportamentos sociais semelhantes, por exemplo: frequentam lugares semelhantes, lograram êxito em suas opções profissionais, continuaram estudando e, até hoje, cultivam o apreço pela banda e se encontram, com regularidade, para tocar e se divertir. Isso aponta, não há dúvida, para a forte influência da música e da banda nas pessoas e nas personalidades (na identidade pessoal) que os integrantes, hoje já adultos, elegeram ou adotaram para si mesmos.

REFERÊNCIAS

- ANDOLFI, M. et al. **Por Trás da Máscara Familiar**. Porto Alegre: artes Médicas, 1989.
- BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BENNETT, Roy Costa. **Uma breve história da música**. São Paulo: Brochuras, 1986.
- BOCK, Ana M. Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1998.
- CORREA, Sérgio Ricardo S. **Ouvinte consciente: Arte musical**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1975.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COSTA, Moacir. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. Porto Alegre: LPM, 1986.
- FERREIRA, FARIAS & SILVARES, Teresa T. H; Maria A; Edwiges F. M. **A construção da identidade em adolescentes: Um estudo exploratório**. UFS, USP: São Paulo, 2003.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GONÇALVES, Dinho. **A história da percussão**. São Paulo: Apontamentos, 1999.
- MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
- MYERS, David G. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Editora S.A., 2000.
- NOGUEIRA, M. A. **A música e o desenvolvimento da criança**. Revista da UFG, Vol. 5: Goiás, 2003.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- OUTEIRAL, José. **Adolescer: estudos sobre a adolescência**. Porto Alegre: artes médicas, 1994.
- PEIRCE, C. S. **Collected Papers** —: 8 vol. org. HARTTSHORNE, C.; WEISS, P. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958.
- PRIOLLI, Maria Luisa M. **Princípios básicos da música para a juventude**. Rio de Janeiro: Ed. Casa O. Músicas LTDA, 2000.

SCHAEFFER, Renato. Da identidade biológica à identidade pessoal. In: BROENS, M.C; MILIDONI, C.B. (orgs.). **Sujeito e identidade pessoal**: estudos de filosofia da mente. Marília: Unesp-Marília-Publicações, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004, p.57-94

